

Arte Cura

**Relato pessoal de
trabalho e aprendizagem
com arte mediúnica**

**Neiva Gonçalves Barbosa
Antônio Francisco Lisboa (Espírito)**

Neiva Gonçalves Barbosa
Antônio Francisco Lisboa (Espírito)

Arte Cura

**Relato pessoal de
trabalho e aprendizagem
com arte mediúnica**

Edição da autora
Núcleo Bandeirante, DF
2022

© Copyright Neiva Gonçalves Barbosa, 2020.

Todos os direitos reservados. nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por qualquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

Todos os valores arrecadados com a venda dos exemplares desta publicação, desde a primeira edição e as reimpressões e edições posteriores, são integralmente doados ao Lar dos Velhinhos Maria Madalena, localizada no Núcleo Bandeirante (DF), que acolhe mais de 100 idosos.

Revisão: Hamayanne Barbosa Maia, Evandro R. Perotto

Edição e projeto gráfico: Evandro R. Perotto

Imagem da capa: pintura mediúnica inspirada pelo espírito Vincent e realizada pela médium Neiva G. Barbosa.

1ª edição impressa: novembro de 2020 (ISBN 978-65-00-09673-6)

1ª reimpressão: janeiro de 2021

2ª reimpressão: junho de 2021

1ª edição digital: ????? de 2022 (ISBN 978-65-00-09672-9)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lisboa, Antônio Francisco (Espírito)

Arte cura : relato pessoal de trabalho e aprendizagem com arte mediúnica / Espírito Antônio Francisco Lisboa ; Neiva Gonçalves Barbosa. -- 1. ed. -- Brasília : Neiva Gonçalves Barbosa, 2020.

ISBN 978-65-00-09672-9 [e-pub]

1. Espiritismo 2. Mediunidade 3. Mediunidade - Doutrina espírita I. Barbosa, Neiva Gonçalves. II. Título.

20-45829

CDD-133.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Mediunidade : Doutrina espírita 133.91

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Prefácio

Caro amigo leitor, o que seria de nosso planeta sem a Arte? Independente de crenças e preconceitos, a Arte sempre nos faz vibrar os recônditos do ser, pois é lá que guardamos as lembranças desta e de outras vidas. Para os não familiarizados com essa experiência, imaginemos a possibilidade da cura através da Arte!

Os mistérios e segredos dessa face oculta da Arte serão desvendados nessa obra, pois nossa irmã Neiva Gonçalves, com muita leveza e beleza, vai nos fazer viajar no tempo e conhecer as maravilhas decorrentes da pictografia.

“Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.” (Mateus 5: 4, 6, 10). Essa passagem do Evangelho é um dos sinais que Jesus nos deixou para auxílio aos necessitados. O momento do qual o nosso planeta passa é de extrema atenção junto aos necessitados de toda ordem.

Quantos irmãos em humanidade possuem acesso à assistência médica? E mesmo os que possuem, nem sempre a medicina da Terra diagnostica o problema. A dor e o sofrimento campeiam o mundo e Jesus conta com a cooperação de todos para minorar a situação.

Foi com esse intuito, de utilizar a pictografia para o tratamento espiritual, além de muitos outros já utilizados pela espiritualidade, que o Grupo do querido irmão Antônio Francisco Lisboa se apresentou para o trabalho.

Aproveitemos o máximo esses momentos de descoberta das sutilezas da Arte.

Nelson Sanchez

Dedicatória

A todos os médiuns que trabalham a mediunidade com Jesus, isto é, com dedicação, responsabilidade e amor, independente de rótulo religioso.

Aos sete grandes artistas que o Criador me concedeu nesta existência, na condição de filhos: Marlon, Mira, Márcio, Gilney, Cristine, Rosane e Hamayanne.

Agradecimentos

Ao Centro Espírita Sebastião “O Mártir”, onde recebemos todo apoio espiritual.

Ao Chico Xavier, pela luz espiritual que nos envolveu, quando nos encontrávamos nas sombras da dúvida e da insegurança.

Ao Espírito Antônio Francisco Lisboa e toda equipe espiritual da Arte Cura, bem como aos médiuns encarnados do trabalho.

Apresentação

Logo no início da década de 1990, por repetidas vezes, o Mentor amigo, Antônio Francisco Lisboa me disse que chegaria um momento que eu teria que registrar as nossas experiências e experimentos mediúnicos nos trabalhos da Arte Cura e que esses registros seriam úteis para outros médiuns.

No início de janeiro deste ano, Lisboa me disse assim: “minha filha, chegou aquele momento de você escrever sobre as nossas experiências mediúnicas na área da Arte Cura”.

Este livro é um breve relato dessa atividade mediúnica, que só dignifica e enobrece nossa existência pobre de virtudes, mas rica em oportunidades. É uma tentativa de traduzir em palavras tais experiências, o que as empobrece em si mesmas, pois são únicas, carregadas de emoções e sentimentos. Fazer parte da Casa de Sebastião “O Mártir” e conviver diuturnamente com esses seres luminosos é, no mínimo, uma dádiva da misericórdia do divino terapeuta: Jesus.

Eu, espírito tão comum, errando mais do que acertando, mas com uma vontade enorme de servir, sinto-me amparada e agradecida!

Graças te dou, Senhor! Obrigada! Muito obrigada!

Neiva Gonçalves Barbosa.

18 de Abril de 2020.

Sumário

Capítulo 1 **7**

O trabalho novo

Capítulo 2 **11**

Roteiro traçado

Capítulo 3 **14**

Trabalho em curso

Capítulo 4 **17**

Uma pintura para Chico Xavier

Capítulo 5 **23**

Recomendações para o trabalho da Arte Cura

Capítulo 6 **26**

**O Centro Espírita Sebastião “O Mártir”
e o trabalho da Arte Cura**

Capítulo 7 **29**

As Pinturas de Gaze e a pandemia

Capítulo 8 **33**

Madalena, arte em prosa

Capítulo 9 **38**

Comentando alguns trabalhos

O trabalho novo

Corria o ano de 1986 numa rotina frenética entre cuidar de casa, meia dúzia de filhos e trabalhar numa profissão maravilhosa: professora de Educação Artística e, como tal, estava bastante familiarizada com riscos, rabiscos, desenhos, pinturas. Naquele ano, especialmente, qualquer papel que me chegasse às mãos eu me via a desenhar com lápis, caneta, giz de cera, carvão, cascalho... Sim, Cascalho! Eu sempre gostei de levar os alunos para fora de sala de aula e pesquisar os materiais disponíveis ao redor da escola: folhas, flores, cascalhos, havia um montão deles (as cores iam do amarelo mais claro, mais escuro, marrons, terra, avermelhados). No retorno à sala de aula, as crianças concluíam os trabalhos, utilizando os materiais de costume, lápis, giz de cera ou canetas.

As aulas terminavam. Eu voltava para casa e todo tempinho livre lá estava eu a desenhar, sem pensar, só fazia ou deixava acontecer... Sempre gostei dos abstratos e naqueles momentos eu sentia que tinha “muita gente me inspirando”, era uma movimentação constante ao meu redor, naturalmente, quando eu tinha algum tempo livre é que eu percebia aquele fenômeno.

Uma amiga, colega e professora de Educação Física, Luiza Helena, me falou, certo dia, na Escola:

– Neiva, os Espíritos estão dizendo que você tem um compromisso num trabalho que já está atrasado. Na verdade, eles já estão gritando para você.

Meio assustada, perguntei:

– Mas que trabalho será esse? Eles não dizem pra você?!

– Nada. Eles, agora mesmo, afirmam que você tem que descobrir.

Ao que respondi:

– Luiza, desde 1979, quando comecei a frequentar o Centro Espírita Sebastião “O Mártir”, eu estudo e trabalho na sala de passes, nos trabalhos de desobsessão e, até, já faço palestras.

– Bom, minha amiga, já te passei o recado, inclusive eles dizem que esse trabalho é um dos mais importantes na lista das suas tarefas mediúnicas.

Fiquei encabulada, mas continuei trabalhando. Lembrando-me do recado que recebera.

Eu adquirira um hábito, até de forma inconsciente, andar com um bloco de papel e caneta, principalmente quando ia para o Centro e numa determinada noite, ali no balcão da pequena livraria, vi-me a desenhar um ramo de flores numa velocidade incomum, olhei para os rabiscos e avaliei: mas isso é feio, muito feio!

Incontinenti, vi-me escrevendo no verso do papel: “*O belo é convenção humana. FAL*”.

O que significavam aquelas três letras?! Sei lá! Doideira! Eu, hein?!

No ano seguinte, pela primeira vez, assisti, em nossa Casa, a um trabalho de pintura mediúnica ou arte cura com a médium Walkiria Kaminski. Era uma sexta-feira, o salão estava lotado, mas consegui me sentar na pontinha do último banco. A palestra já havia começado, o assunto abordado era Bem-aventurados os aflitos, do Capítulo V de O Evangelho Segundo o Espiritismo.

A médium relatou fatos de sua própria vida presente e também recordações de uma vida anterior como Jeanne Hébuterne, esposa de Modigliani e os sofrimentos pelos quais ambos passaram. Dizer com palavras das emoções que senti é impossível.

A palestra estava terminando e a médium se preparava para a segunda fase do trabalho, o mediúnico, propriamente dito.

O tempo como que parou... Música clássica, cores em pastel a óleo, embelezando o ambiente e deixando impressões cromáticas sobre aquelas folhas de papel, numa velocidade vertiginosa. Ao final de cada pintura, outra médium, Maria Helena Rufino mostrava o trabalho, dizia o nome do pintor e o tempo que levava.

Eu estava maravilhada e nesse enlevo meu atrevimento foi maior! Sim, eu atrevi a desafiar: se, de fato, como diz minha amiga Graça Maria, que aquelas três letras da mensagem são as iniciais invertidas de Antônio Francisco Lisboa, ele tem que pintar ali e agora.

Ah, mas eu duvido! Ele foi escultor e não pintor. Respirei fundo. Relaxei! Pra quê?! Mais uma pintura e Maria Helena anunciou de forma solene:

– Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

– Que vergonha, Meu Deus! E agora?! – pensei.

– Agora, vamos fazer um passeio. Disse uma voz ao meu lado.

Ele estava ali, ao meu lado e eu, envergonhada e sem jeito, falei tolamentemente como uma criança flagrada em alguma peraltice:

– Mas o senhor tem um trabalho ali. Ao que ele me respondeu com um sorriso divertido:

– Ali, eu já cumpri o meu papel.

E vi-me ao lado desse Espírito (que não guarda nada de aleijado). Jovial e austero a um só tempo, planando rente a uma magnífica plantação de flores no lusco-fusco de uma noite serena. Eram canteiros infindáveis de flores de vários tamanhos, nos mais variados tons de azul, dos mais claros aos mais profundos, passando para outras leiras cultivadas com diversas espécies que iam dos lilases aos roxos, com folhas muito verdes e exuberantes e Antônio Francisco Lisboa discorria sobre as plantas, suas cores e propriedades terapêuticas, sendo todas aquelas (azuis, lilases e roxas) para tratamento de alergias, distúrbios respiratórios e

outras indicações. Mais tarde, mostrar-me-ia outras plantações e suas funções. Ele já nos acompanhava há um bom tempo, para que, juntos, inclusive com outros médiuns da Casa, formássemos um Grupo de Trabalho. Disse que não me preocupasse, pois eu não estaria fazendo um trabalho solo, mas num grupo, Arte Cura, e, para tal, requeria de nossa parte cooperação, estudo, dedicação e perseverança, pois o grupo espiritual já estava formado e eles próprios encarregar-se-iam do agrupamento dos médiuns encarnados.

Quanto tempo havia passado naquela excursão ou incursão nos recônditos do ser?! Eu estava tão longe! Mas via-me, de novo, sentada no mesmo lugar e o trabalho continuava, agora com tinta e óleo sobre tela. Que coisa maravilhosa é o tempo e que coisa peculiar é a mediunidade! Avaliava criticamente uma tela assinada por Picasso. À guisa de despedida, o Mentor me segredou aos ouvidos:

– Não te preocupes tanto com a estética da pintura, mas com a ética do trabalho! Estaremos juntos, sempre.

E ele se foi como uma brisa leve que passa, e eu fiquei com aquele turbilhão de informações e visões que permanecem até hoje, como se o ocorrido tivesse sido ontem.

Roteiro traçado

Tal como A. F. Lisboa dissera, aconteceu. Nos vários grupos de trabalho mediúnico da Casa havia pelo menos um médium com a faculdade desperta para a Arte Cura. Naquele ano (1987), um grupo foi formado com esses médiuns e mais outros que vieram dar um suporte de sustentação vibratória. Inicialmente, Graça Maria, Socorro, Gilca, Cleuza, Vanda Helena, Elvécio Diniz (médium dirigente) e eu, nos reuníamos no final das tardes de domingo. A seguir, foram chegando mais médiuns, Mário Blanco e Athos.

Nessas reuniões, o procedimento era o mesmo de qualquer reunião mediúnica: leitura do Evangelho, a prece fervorosa e concentração adequada para o desenvolvimento do trabalho.

Eram reuniões com **algo especial!** Naquele início, não tínhamos música ambiente, mas isso não fazia diferença, pois sempre havia melodias incomparáveis, sons agradabilíssimos, uma movimentação leve e sutil de seres em vestes leves e esvoaçantes a bailar no ambiente, tudo isso era sentido e percebido por vários médiuns.

Enquanto isso, traçávamos, no papel, riscos, rabiscos, fragmentos de formas figurativas e abstratas e, curioso, já no primeiro ano de exercícios, alguns nomes importantes eram colocados naquelas “quase pinturas”. Alguns considerados como gênios, mas a maioria eram autores totalmente desconhecidos. Preocupávamos com isso, pois o trabalho ainda era muito primitivo para nomes tão valorosos! Porém, A. F. Lisboa nos esclarecia que aquela era a forma dos pintores integrantes do Grupo Arte Cura se apresentarem e que não nos preocupássemos, pois, além dos

pintores, havia médicos, botânicos, terapeutas, cientistas e artistas das várias vertentes da Arte.

Continuamos o trabalho com muita dedicação, bebendo na fonte fecunda das obras básicas da Doutrina Espírita os esclarecimentos maiores e os espíritos, ali no trabalho de treinamento, nos ofereciam informações e esclarecimentos complementares sobre a Arte Cura. Durante e ao final de cada sessão, Lisboa sempre nos incentivando, orientando, esclarecendo e deixando tarefas para o dia-a-dia: observação da natureza, desde a topografia dos lugares ao olhar cuidadoso da vegetação, das flores minúsculas da grama, da relva, das flores – conhecidas ou não – e, ainda, que estudássemos sobre a anatomia dos seres.

E eu, como aluna obediente, mas sempre duvidando, procurava seguir as recomendações. Assim aquele ano passou, e veio o seguinte, e chegamos ao ano de 1989. Durante esse período, o grupo mediúnico havia melhorado muito e as pinturas já tinham uma aparência de pintura. Até ali, o material utilizado era somente pastel a óleo sobre papel sulfite, cartolina e outros de gramatura diferenciada.

O nosso dirigente, Elvécio Diniz, que permaneceu até meados de 1989, sempre teve grande afinidade com o mentor do Grupo Arte Cura, sendo uma pessoa com muito bom senso, responsabilidade, bom diálogo e atento ao trabalho. Quando havia dúvidas, ele questionava e as respostas vinham. Vale mencionar que os mentores sempre nos incentivavam a perguntar, questionar, ali, durante o trabalho. E o Elvécio soube bem aproveitar aquelas oportunidades, ajudando dessa forma todos nós, ávidos de mais e mais esclarecimentos.

Conosco, o mentor nos convocava aos exercícios individuais de treinamento com óleo sobre tela. Recordo-me da primeira tela assinada por ele: cravos vermelhos soltos num fundo verde-água... E eu, entre descontente e insatisfeita, pensava:

– Ah! Como eu gostaria de pintar como Gasparetto, quadros lindos! Vocês, me parece, brincam comigo. Fica mais tinta na minha roupa do que na tela...

Antônio Francisco Lisboa, muito sério, me falou:

– Minha filha, você ainda não entendeu o objetivo desse trabalho. Gasparetto é o médium mais conhecido na pintura mediúnica e os espíritos que se apresentam, através dele, deixam ali traços fortes de seus estilos anteriores, porque assim é necessário. Porém, cada médium ou grupo tem objetivos diferenciados, específicos, e o objetivo da Arte Cura na Casa de Sebastião “O Mártir” é a terapia fisiopsicoespiritual, num conjunto de procedimentos, utilizando recursos da natureza do plano físico e espiritual, somando as energias vibratórias dos médiuns, energias essas manipuladas por médicos, botânicos, terapeutas, cientistas e artistas de várias áreas, conforme a necessidade de quem vai receber esses medicamentos (encarnados e desencarnados) através dessas pinturas “mais feias que bonitas”, segundo você. Mas melhore-se por dentro e, aos poucos, as pinturas terão uma aparência “mais bonita”. Quanto à questão da brincadeira, é fantasia de sua cabeça. Aconselho-a trabalhar melhor as suas emoções, pois, assim que nos aproximamos, você entra num estado de total destrambelhamento, que prejudica o seu desempenho e o nosso.

O meu constrangimento foi grande. A partir dali, procurei, com afincos, melhorar meu estado emocional ao contato desses espíritos maravilhosos. Sou agradecida a Deus por conceder-me um instrutor como Antônio Francisco Lisboa em minha vida!

Trabalho em curso

No início de 1989, Lisboa orientou-nos que, ao invés dos nomes de pintores, conhecidos ou não, eles começariam a colocar em cada pintura uma palavra que representaria o significado de cada uma. Assim, ao final daquela reunião, à minha frente havia uma pilha de cromos (pinturas) e ele, Lisboa, foi lendo o que estava escrito: saúde, paz, harmonia, calma, equilíbrio, serenidade, confiança, fé etc. E todos os outros médiuns, a partir dessas orientações do mentor, escreviam nas pinturas uma palavra conforme a necessidade de quem ia receber. Na avaliação do trabalho, todos nós achamos extraordinária a forma como os benfeitores estavam conduzindo aquele tratamento.

Depois disso, Lisboa psicografou uma carta endereçada à Diretoria do Centro Espírita Sebastião “O Mártir” – CESOM – oferecendo o trabalho de Arte Cura em benefício dos encarnados e desencarnados, como uma verdadeira terapia espiritual, como um excelente auxiliar no tratamento da desobsessão. Entretanto, o grupo necessitaria de um dia da semana e uma sala específica, por tratar-se de um trabalho mediúnico como qualquer outro. Porém, tendo uma tessitura fluídica mais delicada, não poderia acontecer dentro de outro grupo a não ser no Grupo do Dr. Aristóteles (tratamento físico-espiritual), dirigido pelo nosso Irmão Lobato.

A Diretoria da Casa aceitou a proposta espiritual e o Grupo Arte Cura saiu, ainda no começo de 1989, dos treinamentos aos domingos para as quintas-feiras. Começamos a chamar Grupo Arte Cura Antônio Francisco Lisboa, nome do mentor que ao longo daqueles anos havia nos orientado. Assim, continuamos a trabalhar com dedicação, disciplina e responsabilidade.

Quando começamos o trabalho da Arte Cura, desde as primeiras reuniões de treinamento aos domingos, de uma forma muito natural, cada médium da pintura levava seus próprios materiais: papel sulfite, pastel a óleo e até giz de cera. O trabalho passando para o quadro efetivo das atividades do CESOM, o mentor nos esclareceu sobre a necessidade de continuarmos sendo responsáveis pela aquisição dos próprios materiais, já que a Arte Cura vinha para auxiliar e não para acarretar mais despesas à Casa, de vez que ela já tem altos encargos para manter os trabalhos sociais, que são muitos.

O trabalho prosseguia. Alguns médiuns saíram e, aos poucos, outros chegaram, dentre eles: Vera, Marlene, Adriana Diniz, Andrea, Darlene, Gisele, Vânia, Lindete, Norman, Raíssa, Beth, Leda, Gilce, Maria Sirlei, Walquíria, D. Rita, Helenice, Emília, Geovania, Maria Helena Rufino, Marcelo, Naiara, Gilma, Doracy, Nazaré, Adriana, Gabriel, Angélica, Neile, Emildo, Jane, Márcia Cristina, dentre outros. Grupo cheio e eu pensava, feliz: “que maravilha, meu Deus! Muito obrigada!”

Lisboa aparecia e, ao pé do meu ouvido, dizia, de forma serena:

– Não se empolgue tanto, pois daqui a pouco, muitos sairão. Mas continue agradecendo a Deus, sempre.

Dali a pouco tempo, de fato, vários irmãos que estavam desde os primeiros dias de treinamento, por uma razão particular ou outra, deixaram o Grupo. Médiuns entraram e saíram, depois chegaram outros e isso acontece até hoje. Na direção do Grupo, depois do Elvécio, vieram Nivaldo, Aldemir, José Marques e, a seguir, Nazaré, que permanece até agora. Vale observar que cada médium, que passou por este trabalho, por mais ou menos tempo, doou o seu melhor e contribuiu efetivamente para a melhoria do Grupo Arte Cura Antônio Francisco Lisboa.

Dentre os médiuns que chegaram mais recentemente, vale mencionar fatos curiosos.

Sônia, que entrou no grupo há dois anos, começou dando passes, mas foi orientada a participar da pictografia (pintura). Inicialmente, ficou assustada, pois ela só via rostos, e, na tentativa de reproduzi-los, os traços eram grosseiros e horrendos, como ela mesma dizia. Ela queria desistir e retornar aos passes. A nossa dirigente aconselhou-a a mentalizar flores, mas ela não via nenhuma flor. Então, Antônio Francisco Lisboa resolveu a questão:

– Minha filha, o trabalho de passes é maravilhoso, porém, a sua tarefa é a pintura. Em uma de suas vidas progressas, você foi retratista. Por isso, você vê muitos rostos. Com a permissão do alto, vamos desbloquear algumas habilidades adormecidas, para você começar a trabalhar sem tanta agonia.

E assim aconteceu. Ela começou a desenhar, a pintar, com muita facilidade, a reproduzir fotografias e, em menos de dois meses, Sônia recebia do plano espiritual flores e vasos maravilhosos. A retratista do passado eclode no presente através da Arte Cura.

Em 2019, chegaram dois novos médiuns, Evandro Renato e sua esposa, Terezinha. Ambos com experiência na arte mediúnica, pois já haviam trabalhado em outra casa espírita com o mesmo mentor, Antônio Francisco Lisboa. O curioso é que o Evandro, no atendimento aos desencarnados, as suas pinturas são retratos de espíritos que desencarnaram através do suicídio. Ainda este ano, ele pintou, com precisão, o rosto do ator Robin Williams.

Outra curiosidade diz respeito à mediunidade de Helenice, que chegou na Casa de Sebastião “O Mártir”, há muitos anos, trazendo seus dois filhos e se tratava pela terapia da Arte Cura. Ela gostou tanto do trabalho que ficou no Grupo A. F. Lisboa (os dois têm grande afinidade espiritual). Ela é artista plástica e o seu estilo é bem realista. Como médium, porém, ela recebe somente pinturas abstratas. Maravilhosos trabalhos!

Uma pintura para Chico Xavier

Joaquim, frequentador da nossa Casa, ia a Uberaba duas vezes ao ano, no aniversário do Chico, 2 de abril, e em outubro, mês do próprio aniversário.

Nessas visitas, me convidava para ir com ele e conhecer o famoso médium. Eu sempre dizia que as pessoas abusavam muito da paciência e da bondade do Chico. Para mim, já era suficiente todo o trabalho maravilhoso dele. Certa vez, Joaquim insistiu:

– Tudo bem, Neiva, mas mesmo assim acho que você devia conhecer o Chico e, indo comigo, você vai ter oportunidade de ver ele de perto.

– Sempre que você vai a Uberaba, você vê o Chico?

– Claro que sim. Depois dos dez anos seguidos indo a Uberaba sem ver o Chico, a partir do 11º. ano, nunca mais fiquei sem vê-lo.

– Tudo bem, Joaquim. Eu não posso ir, mas você vai levar uma coisa para ele.

– Está certo, então. Passo aqui na sua casa, na sexta-feira.

No final de março daquele ano, na semana anterior à do aniversário do Chico, na quinta-feira, escrevi numa folha de papel “Chico Xavier” e juntei-a às outras.

Ao final do trabalho, uma pilha de pinturas. Procurei no verso aquela que estava grafado o nome do Chico. Observei a pintura: era um vaso de flores lilases com a mensagem AMOR. Aproveitei a oportunidade e escrevi: *“Gostaria que o senhor me dissesse alguma coisa sobre este trabalho. Feliz Aniversário! Neiva”*.

Coloquei a pintura entre duas folhas limpas, enrolei, fiz um canudo e amarrei com várias voltas de fitilho e um laço para finalizar

a embalagem. Quando entreguei aquele canudo para o Joaquim, ele ficou curioso, queria saber o que era, e eu disse que só interessava ao Chico.

– Tudo bem. Embora, eu não saiba o que estou levando, vou entregar ao Chico com o maior prazer. Na segunda, eu passo aqui e te digo como foi.

Da volta de Uberaba, logo cedo na segunda-feira, o Joaquim já me cumprimentou dizendo que, a cada dia, ele ficava mais encantado com a mediunidade do Chico, mas daquela vez, tinha sido o fenômeno mais incrível que ele tinha presenciado.

– Fala logo, Joaquim! O que aconteceu?

– Pois bem, desta vez o Chico estava acamado e o Higino só deixou cinco pessoas entrarem, duas de São Paulo, duas do Rio de Janeiro e eu, com as minhas conhecidas sandálias havaianas. Quando ele me viu, foi logo dizendo:

– Eis aí o mensageiro das flores celestiais, estas flores que trazem beleza, paz, estas flores que trazem a terapia espiritual.

– Aí eu pensei: Neiva, por que o Chico falava tanta coisa assim, se eu sempre levei no bolso flores pra ele e nunca me disse nada sobre elas? Por que ele tinha dito aquilo?!

– Chega aqui, meu filho, – disse o Chico – eu preparei um lugarzinho especial para elas.

– Entreguei, Neiva, a sua encomenda. Como você deu muitos nós naquela fita, ficou difícil de desamarrar. Aí, alguém trouxe uma tesoura e eu vi um desses desenhos que você faz no trabalho da pintura mediúnica. O Chico pediu que colocassem aquele jarro de flores no centro da mesinha, puseram quatro pesos nas extremidades e a pintura ficou lá. Depois ele agradeceu, dizendo que ali era o lugar delas. Acho que todo mundo ficou emocionado e eu, mais do que ninguém. Não sou de chorar, mas chorei, e mui-

to. Que extraordinário! Ele já sabia o que eu estava levando.

Num assomo de insensibilidade arrogante, perguntei ao Joaquim:

– E pra mim, ele mandou dizer alguma coisa?

– Pra você, mandou dizer nada não. Foi só isso que eu te contei que aconteceu.

O céu da minha expectativa nublou e eu passei dois anos repetindo de mim para comigo: “O Chico não me respondeu! O Chico não me respondeu!”. Até que naquele abril de 1997, num desdobramento através do sono, vi-me em Uberaba, na varanda de uma casa singela, olhando o céu de um azul profundo, bem estrelado. De repente, olhei para o outro lado da varanda e lá vinha o Chico, usando uma camisa xadrez, mangas curtas, calça bege, esbelto, andar ágil, meio calvo, aparentava menos de 50 anos e rapidamente ele estava diante de mim. Olhou-me bem dentro dos olhos e falou-me de forma incisiva, mas com doçura a um só tempo:

– Minha filha, nunca mais diga que eu não te respondi. Sabendo do seu ceticismo, eu te respondi sim, e da forma mais eloquente. Olha, a mediunidade não é passe de mágica. É preciso muito esforço, trabalho, disciplina. Acha que eu também não tive as minhas dúvidas? Na verdade, ainda as tenho. Mas continue trabalhando, perseverando...

A sua figura ágil adentrou à casa e só depois disso, pude mover-me. Estava abismada com a minha própria estupidez vaidosa.

O Chico tinha me respondido da forma mais convincente e carinhosa! Saindo daquela breve letargia, também entrei na casa e cheguei à porta do seu quarto e pude observar o Chico Xavier encarnado que, naquela hora, despertava no corpo físico com a camisa branca do pijama empapada de suor. Da porta, pude ver com nitidez, como se estivesse a centímetros dele, o corpo

franzino, meio debilitado, ofegante, a sua cabeça totalmente sem cabelos e cheia de minúsculas feridinhas. Alguém o atendia com um copo de água fresca e eu, envergonhada e agradecida, reconhecia:

– Meu Deus! Muito obrigada, Chico! Muito obrigada!

Acordei, olhei o relógio. Eram 2h10min. Sentei-me na cama e agradeci fervorosamente a Deus pelas bênçãos que havia recebido e este foi o meu primeiro encontro com esse espírito extraordinário, Chico Xavier. O Joaquim tinha razão, eu havia perdido tempo.

Dias depois, tive oportunidade de relatar esses fatos ao Joaquim. Falei o que eu tinha escrito, há dois anos, no verso daquela pintura e ele, balançando negativamente a cabeça, me falou:

– É... e pensei que eu fosse São Tomé, mas você, minha amiga, é muito pior. Deixa eu te falar uma coisa. Nesse encontro espiritual você viu o Chico em espírito, forte, cheio de vida, e também viu o Chico no físico, porque a cabeça dele está exatamente assim, pelo uso prolongado da peruca. Por isso, ele trocou pela boina. Te digo isso porque eu vi exatamente o que você descreveu. Mulher, não dá pra entender, eu não sei como os espíritos conseguem trabalhar com você.

Aí, eu fiz o meu justo e sincero mea culpa:

– Você tem razão Joaquim, os espíritos trabalham comigo pela misericórdia divina. Mas assumo que, além das dúvidas, também tem um tanto de vaidade. Com uma carta do Chico endereçada a mim, certamente eu a exibiria como um “ISO de qualidade” do meu trabalho e reconheço que, mesmo sem merecer, o Chico Xavier, como só ele sabe ser, pois é um médium de Jesus, mais do que uma carta, deu-me a resposta definitiva para aplacar aquela sede que eu tinha de saber se estava no caminho certo. E agora sei que estou. Muito obrigada, Joaquim, por ter sido esse emis-

sário das flores celestiais do Grupo Arte Cura Antônio Francisco Lisboa para o amado irmão Chico Xavier.

Depois desses episódios marcantes nas minhas experiências mediúnicas, precisamente no dia 2 de novembro de 1999, conheci o Chico, pessoalmente. José Geraldo estava hospedado no Lar dos Velhinhos Maria de Madalena, no Núcleo Bandeirante (DF), e organizou uma pequena excursão a Uberaba. Aqui, do Sebastião “O Mártir”, fomos o Sidnei, a Raquel, a Marilene e eu, junto com outras pessoas de casas diferentes.

Minha mãe havia desencarnado em 18 de outubro daquele ano, então eu estava pronta para conhecer o Chico, necessitava e ansiava por vê-lo. A Neuza, que nos recebera com gentileza e cordialidade, nos informou que tínhamos dado sorte, porque não tinha quase ninguém. Fiquei feliz, eu ia poder ver o médium de perto. Qual nada! O “quase ninguém” chegava perto de 800 pessoas. Quando ele chegou, amparado por dois homens, um de cada lado, pude observar que os pés do Chico sequer tocavam o chão e o colocaram na cadeira onde habitualmente se sentava à mesa.

Os trabalhos começaram. A prece de abertura, a leitura de uma página de O Evangelho Segundo o Espiritismo, um breve comentário, e o Chico, tomando do lápis, psicografou e uma senhora ao lado dele também escreveu. Quando fizeram a leitura usando um microfone e o som sendo ampliado por um alto falante, do lado de fora da Casa, onde eu e centenas de pessoas nos encontrávamos, o silêncio era absoluto. Primeiro, a médium leu a página que Emmanuel psicografara e, a seguir, o Chico, que recebera de Maria Dolores o soneto Finados.

Ouvi com toda atenção e reverência e senti-me contemplada, amparada e consolada, pois fazia quatorze dias do desencarne de minha mãe e 2 de novembro era exatamente o dia do aniversário de nascimento dela. Pude sentir sua presença, entre comovida e cheia de ternura, a dizer-me: “Estou bem, minha filha, estou

bem!”. O meu sentimento de amor e gratidão ao Chico Xavier crescia a cada dia.

Este foi o meu segundo encontro com esse Espírito-Luz e, desde então, tenho me esforçado por melhorar-me e tem valido a pena, pois, Antônio Francisco Lisboa exclamou exultante, logo depois:

– Bendito, Chico Xavier! Só ele mesmo, com as bênçãos da Mãe Santíssima, para nos auxiliar nesse trabalho tão importante. Obrigado! Agora, o caminho está mais desembaraçado.

Recomendações para o trabalho da Arte Cura

Antônio Francisco Lisboa, através de mensagens de psicografia e psicofonia, desde o início dos trabalhos nos fez várias recomendações, que relatamos a seguir.

1. Os trabalhos da Arte Cura obedecem aos princípios vivenciados por Jesus: amor e caridade.

A máxima “dai de graça o que de graça recebestes” deve ser respeitada por inteiro. Daí a necessidade de cada médium prover-se dos próprios materiais requeridos para a execução dos trabalhos, tais como, papéis, pastéis, tintas, telas etc. A Casa Espírita Sebastião “O Mártir” já tem um trabalho social intenso e requer altos recursos pecuniários. Não é justo acarretar-lhe mais custos. Ao contrário, o nosso trabalho pode e deve auxiliar a Casa e ajudar outras instituições de caridade.

2. Quando formos convidados a levar o trabalho em outras Casas, observem com cuidado certos procedimentos.

Peçam informações sobre o tempo disponível e o número de pessoas que estarão presentes. Se a quantidade for grande, com antecipação devem produzir o necessário para atender a todos. Não é admissível num trabalho de Arte Cura, aberto ao público – uma verdadeira terapia espiritual –, as pessoas saírem de mãos vazias.

Levem os próprios materiais (papel, pastel, tintas, telas etc.). Se a Casa anfitriã quiser colaborar com alguma tela ou tinta, não receiem em aceitar, porém, tudo que for produzido nesses eventos, por lá devem deixar, para que, quem nos convidou, faça o que achar mais conveniente à própria instituição.

3. O trabalhador da Arte Cura é uma pessoa comum, como qualquer outra, portanto, é um médium igual a todos os outros médiuns.

A diferença que pode haver é que o médium que realiza essa tarefa da Arte Cura geralmente é aquele que não soube aproveitar de forma adequada aquele velho “talento artístico”, nas mais variadas áreas, fez alarde, abusou, fez pouco caso dos outros, enfim, enterrou seus talentos sufocando-os no lamaçal do orgulho e da tola vaidade.

Daí a necessidade imperiosa de orar e vigiar, dos postulados do Divino Artista – Jesus – para, dessa forma, chegarmos à condição dos bem-aventurados pobres de espírito, a humildade, a fim de logarmos êxito nessa nova oportunidade de trabalho.

4. É natural, e até saudável, o médium ter dúvidas, porque ele estará mais atento, estudará um pouco mais.

A Doutrina Espírita não adota a fé cega, mas sim a fé raciocinada, o bom senso. Porém, se a dúvida for exacerbada, pode levar o médium a atrofiar o talento que a Divindade concedeu-lhe, deixando o trabalho estagnado.

5. Devemos valorizar esta oportunidade bendita de aprendizado e benefícios, através da Arte Mediúnica.

Muitos, talvez, só percebam a grandiosidade desse trabalho quando chegarem por aqui, outros nem assim. Mas aqueles que trabalharem-se por dentro, com afinco e dedicação, certamente, perseverarão e, ainda, na condição de encarnados, poderão enxergar com *olhos de ver* e escutar com *ouvidos de ouvir*, conforme dizia Jesus, a extraordinária chance de redenção espiritual.

6. Trabalhadores tanto encarnados quanto desencarnados, todos somos médiuns.

Assim como vocês, médiuns, recebem as orientações desse Gru-

po Espiritual da Arte Cura, nós, por nossa vez, também o somos, porque para orientá-los contamos com espíritos de mais Alto, nas várias vertentes da Arte, bem como da Medicina e Terapia Espiritual. Portanto, vós, encarnados, e nós, desencarnados, somos todos médiuns buscando seguir o divino terapeuta, o artista por excelência, o guia e modelo da Humanidade: Jesus.

7. Máximas de Antônio Francisco Lisboa.

- O Belo é convenção humana.
- Mais vale a *ética do trabalho* do que a *estética da pintura*.
- Uma pintura da Arte Cura é como um copo de água fresca para quem está com sede.
- No dia dos trabalhos da Arte Cura, quintas-feiras, todos os que chegarem, buscando atendimento para si ou para outrem, serão atendidos.
- Quando tivermos um trabalho de fitoterapia na Casa Espírita Sebastião “O Mártir”, o trabalho Arte Cura estará completo.

CAPÍTULO 6

O Centro Espírita Sebastião “O Mártir” e o trabalho da Arte Cura

O Centro Espírita Sebastião “O Mártir” é o primeiro do Distrito Federal, funcionando desde os idos de 1957, bem antes da fundação de Brasília, mas, oficialmente, o seu registro de abertura consta 20 de Janeiro de 1958. A Casa, desde o início, funciona na cidade do Núcleo Bandeirante (DF).

1957, em novembro. A convite da senhora Isaura de Souza Marques (Dona Sinhá), reúnem-se em seu barraco inacabado, na avenida principal da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, um grupo de pessoas. Sua finalidade? Traçar os planos para a fundação de um centro espírita.

1957, em dezembro. Aproveitando o entusiasmo de todos, enquanto o Sr. Benoni Baptista Braga e alguns companheiros organizam um projeto de estatuto para o centro, Dona Sinhá, suas filhas e um grupo de senhoras, dentre elas Dona Icanusa Dell’Isola, que permaneceu no centro até o seu desencarne, providenciam o primeiro Natal de assistência social realizado na Cidade Livre. No dia 25, aquelas bondosas senhoras distribuíram mantimentos e brinquedos entre as famílias carentes.

1958, em 20 de janeiro. O mesmo grupo liderado pela Dona Sinhá Marques funda o primeiro centro espírita de Brasília, o “Sebastião, o Mártir” – nome dado em homenagem ao luminar cristão sacrificado em Roma, nesta data.

Quem quiser conhecer o CESOM um pouco mais, recomendamos a leitura do livro *Do amor ao trabalho*, de Jorge Cauhy Júnior, que esteve à frente na edificação da Casa de Sebastião “O Mártir” e seus departamentos sociais, dentre eles, a Creche Irmã Elvira

e o Lar dos Velhinhos Maria Madalena. Jorge Cauhy trabalhou como encarnado com todo empenho e dedicação desde o início da década de 1960 até maio de 2005, quando desencarnou. E desde então ele trabalha na equipe espiritual da casa de Sebastião “O Mártir”.

A nossa Casa funciona todos os dias. Tem reuniões abertas ao público de segunda a sexta, a partir das 19h45min, seguidos de vários trabalhos de tratamento. Os trabalhos do Grupo Arte Cura acontecem nas noites de quinta-feira, após uma pequena palestra no salão.

Todas as pessoas que chegam à Arte Cura passam antes pelo atendimento fraterno, que é realizado nas quartas-feiras, onde há o diálogo, orientação e encaminhamento dos pacientes. Aqueles pessoas que chegam pela primeira vez no dia do trabalho, mesmo sem terem passado antes pelo atendimento fraterno, são também atendidas com atenção e carinho, recebendo passes, tomando água fluidificada e levando uma pintura que deve ser colocada no ambiente onde dorme. A sala do referido trabalho fica no primeiro pavimento.

Nesses primeiros meses de 2020, quando passamos dias de aflição e angústia pela pandemia do Covid-19, e que as reuniões públicas na Casa foram suspensas em virtude do isolamento social, o trabalho do grupo passou a ser realizado à distância, por orientação do mentor. Assim, o tratamento da Arte Cura passou das quintas-feiras para todos os dias, do atendimento individual para o coletivo, através das Pinturas de Gaze, que explicaremos melhor no próximo capítulo.

Atualmente o Grupo Arte Cura Antônio Francisco Lisboa conta com os médiuns encarnados listados a seguir.

Dirigente do trabalho: Nazaré. Médiuns de pictografia: Evandro Renato, Helenice, Maria Sirlei, Neiva, Paulo Vitor, Sonia, Terezi-

nha e Zulene. Médiuns passistas: Everton Martins, Gabriela, Gislaine (também psicografia), Maria Lucia, Nésio, Nilza, Valentina (médium-mirim, auxiliar da recepção) e Neile. Esta última, por motivos de doença, já não vem nas quintas-feiras, porém, o mentor do Grupo afirmou que ela continua fazendo parte do trabalho. Esta médium é cega de nascença, mas tem uma visão maravilhosa da vida, e traz, através da psicografia em braile, mensagens leves e cheias de poesia.

Transcrevemos, a seguir, uma mensagem psicografada em braile pela médium Neile, na apresentação do Trabalho Arte Cura realizada em 09 de outubro de 2016, no Grupo Assistencial Espírita Auta de Souza, quando do encerramento da XV Semana Espírita Candangolândia/Núcleo Bandeirante.

Arte Cura

Autoria: um irmão e servo

Expressões que transbordam
em formas e cores, em força, em alento,
trazendo a cada alma um afago divino,
o frescor de energias curativas e consoladoras.

Nós que, outrora, fizemos da Arte nossa vida e refrigério,
agora, tiramos dela vigor e alívio para dar de beber às Almas
encarnadas e desencarnadas, que a nós recorrem.

Pincéis e tintas do Cristo, que somos,
também crescemos a cada dia.

Hoje, mais conscientes,
solvemos e jorramos da arte, o melhor.

As Pinturas de Gaze e a pandemia

Na última semana de janeiro deste ano de 2020 começamos a perceber uma vibração diferenciada nas atividades da Arte Cura. Nos trabalhos das quintas-feiras no Centro, depois do atendimento aos pacientes, eram produzidos alguns trabalhos que Antônio Francisco Lisboa denominou Pinturas de Gaze e pediu que eu as reservasse. Assim o fazia, guardando-as num envelope. A coleção foi aumentando porque também nas alvoradas das quintas e sextas-feiras, ele me convocava para esse trabalho das Pinturas de Gaze.

Eu, que já aprendi um pouco a obedecer ao bom chamado, coloco uma música clássica, arrumo os pastéis secos e a óleo, uma pequena pilha de papéis, abro O Evangelho Segundo o Espiritismo, leio um parágrafo da lição, faço uma prece e, rapidamente, sou envolvida pela emoção, cores fulgurantes e aromas suaves de flores silvestres, de rosas, cravos, jasmims e tantas outras desconhecidas, cheiro de ervas medicinais, de grama recém-cortada, de terra orvalhada, e então, de forma mecânica, mas consciente, embriago-me em cromos (como Lisboa chama as pinturas), radiosos de beleza.

Enquanto eles pintam, e são muitos, eu penso: pinturas de gaze... gaze me lembra curativo. E Lisboa ao lado me fala: “Só curativo? Gaze significa leveza, fluidez, absorção e, sim, também é curativo”.

As pinturas continuam e eu pensando em ofertá-las. São tão bonitas!... Lisboa me olha e só sinto que tenho que colocá-las no envelope de reserva e, ainda, sem entender, deixo-as na sala dos materiais da Arte Cura, no Centro.

Os trabalhos continuaram. Ainda em janeiro, iniciei o que Lisboa me pediu, há quase 30 anos, o registro das nossas experiências nos trabalhos da Arte Cura, e, simultaneamente, as Pinturas de Gaze. Exatamente no dia 18 de Março de 2020, uma quarta-feira, em mais um trabalho das Pinturas de Gaze surgem árvores, mas, desta feita, as pinturas estavam endereçadas individualmente para algumas pessoas e ele me dizia que essa nova modalidade é para atendimento coletivo, à distância, através dos recursos da tecnologia (Internet).

Naquela mesma manhã, ele enviara uma mensagem para a Diretoria da Casa de Sebastião “O Mártir”. Conforme o texto, eles já sabiam que a nossa responsabilidade é muito grande, pois o momento da pandemia causada pelo Covid-19 requeria distanciamento social, e daí a necessidade das Pinturas de Gaze.

Dois dias depois, em 20 de março, comentando com um casal amigo, trabalhadores da nossa Casa, Nelson e Silvani, ela foi o elo para entendermos o significado daquele envelope de reserva:

– Neiva me parece que o Instagram é um bom canal para o envio das Pinturas de Gaze. Eu tenho Instagram e há também o do Instituto Integridade, que podemos utilizar.

– Ótimo Silvani! Vou consultar o Lisboa.

Ouvindo a sugestão, o mentor me disse, no mesmo momento:

– A Silvani também faz parte do nosso Grupo Arte Cura sem estar no grupo formal, das quintas-feiras. Além da Hamayanne, nossa secretária, a Silvani e mais pessoas, como a Zilda, nos auxiliam nessa tarefa tão importante. Agora, você pode trazer aquele envelope e começaremos a espargir as energias benéficas das Pinturas de Gaze para tantos quantos receberem, pois essa denominação – gaze – é significado de um aditivo especial que os médicos, botânicos e terapeutas espirituais adicionaram às pinturas mediúnicas.

Dessa forma, as Pinturas de Gaze estão levando as vibrações salutaras de consolo e esperança para aqueles que as recebem. Por isso, a nossa gratidão perene a todos esses irmãos maravilhosos, encarnados e desencarnados, à Casa de Sebastião “O Mártir”, à Madalena, ao Chico Xavier, ao Jorge Cauhy Júnior e à equipe dos espíritos trabalhadores do Grupo Arte Cura, especialmente a Antônio Francisco Lisboa que, em nome de Jesus e de Deus, tem nos auxiliado de todas as formas, com paciência, tolerância e amor.

Psicografias relacionadas

(Psicografia recebida em 26/03/2020)

Aos caríssimos irmãos médiuns do Grupo Arte Cura. Apesar dos irmãos não estarem se reunindo fisicamente, espiritualmente estamos mais juntos agora do que antes. Continuemos em vibrações, preces e ações de perseverança no bem.

Harmonia e equilíbrio! Do irmão,
Vincent

(Psicografia recebida em 02/04/2020)

Queridos irmãos médiuns do Grupo Arte Cura. Continuemos mais unidos espiritualmente nestes momentos aflitivos que o planeta passa, no início da Grande Transição, sendo mais solidários uns para com os outros. Rogamos a todos do grupo a se juntarem conosco, em seus lares, no Culto do Evangelho diariamente às 20 horas, para que as vibrações positivas sejam renovadas.
Paz!

Antônio Francisco Lisboa

(psicografia recebida em 25/03/2020)

Queridos irmãos médiuns do Grupo Arte Cura da Casa de Sebastião “O Mártir”. Mantenhamos a serenidade emocional, psíquica e espiritual para garantirmos a saúde integral. Esperamos a cooperação e responsabilidade social de todos, seguindo as orientações e determinações daqueles que estudaram, estudam e pesquisam cientificamente sobre a saúde do ser humano. Não

há economia que se garanta sem uma saúde sustentável. Oremos e vigiemos, pois Jesus está no comando do planeta, como guia e modelo da humanidade.

Muita paz! Do irmão,
Antônio Francisco Lisboa

CAPÍTULO 8

Madalena, arte em prosa

Em meados de dezembro de 1987, Jorge Cauhy me pediu de forma imperativa:

- Neiva, no ano que vem, no dia 20 de janeiro, a Casa de Sebastião “O Mártir” vai fazer 30 anos, então você vai escrever uma poesia sobre Madalena, a mentora espiritual do Lar dos Velinhos.
- Seu Jorge! Mas e se eu não conseguir?!
- Não tem mas, nem se. Eu já vejo você declamando esse poema.
- Então, já que é assim...

Cheguei em casa naquela noite com essa tarefa na cabeça e no coração, pois Madalena também faz parte da Equipe Espiritual da Arte Cura. Além de mentora do Lar dos Velinhos, também é do nosso Grupo de Teatro, SOMA. Orei, supliquei o auxílio dos mentores espirituais para cumprir a tarefa.

Início de janeiro, viajei para o oeste baiano, pois estava de férias e, como sempre, eu ficava na casa da minha irmã JÓ, que também é espírita, estudiosa e bondosa. Conte pra ela da minha tarefa e, confiante, ela me respondeu: daqui a pouco, você vai saber como escrever essa bela poesia! Querida JÓ!

Os dias iam passando... eu me agonizando... orando!!!

13 de janeiro de 1988, uma linda manhã ensolarada de verão. Olhei o céu de um azul quase turquesa e vários outros tons de azul. Estava sentada à mesa, um caderno, uma esferográfica. Havia chegado a hora de escrever.

Vi-me em outro lugar, noutro tempo, nas terras por onde Jesus andou. Senti-me leve e, como figurante, participei de uma história original. Sem nenhum esforço intelectual, comecei a registrar numa prosa poética.

MADALENA

Flor de exuberante beleza,
esplendor
que extasia a todos
pela magia do amor.
Vive cercada de luxo,
Prazeres, deleites.
Maria de Madalena
Maria de Magdala
ou simplesmente Maria,
é um anjo de alegria
de lábios rubros,
pintados de carmim
que se veste ricamente!
É amada, servida, invejada,
desejada.
Mas presa ao Ter
vive na noite do prazer.
Na paixão esfuziante
que do olhar cintila
em explosões de alegria...
Apesar de todo luxo,
Riqueza, sedução, prazer...
Falta-lhe ALGO,
Mas nem ela sabe o QUÊ.
Mas eis que numa noite,
entre sedas e plumas,
risos e vinhos
alguém cita displicente
o nome
do Nazareno,
seu jeito, seus feitos,
seu porte sereno.
Madalena se contagia
e começa a sentir

uma estranha euforia!
Precisa conhecer esse
Jesus
para apreciar de perto
essa figura que tanto a seduz.
Deseja VÊ-LO!
Alguém fez referências a um
monte,
em tardes amenas.
Sim. Precisa encontrá-lo.
Encontrá-lo, apenas!
Troca sua indumentária luxuosa
por uma veste simples.
As gemas preciosas
que lhe adornam
o colo e os cabelos
ela as substitui
por uma trança simplesmente.
O rosto sem pintura
deixa entrever
seu espírito por inteiro:
sede de paz,
de amor verdadeiro.
Está bela qual flor
de açucena
pois é muita bela
Maria de Madalena.
E, entre centenas de cegos, coxos,
aleijados, mulheres sofridas,
algumas com os filhos ao colo,
ela O vê!
Majestoso em sua simplicidade!
Poderoso em sua humildade!
Bondoso! Afável!

Amigo! pela simples
irradiação do olhar.
E as suas palavras?!
Ah! Suas palavras soam
como doce refrigério
para aquelas almas laceradas.
- Bem aventurados
os aflitos e os que
choram pois que serão consolados!
- Bem aventurados os
pobres de espírito, pois
que é deles o Reino dos Céus!
- Bem aventurados os
Puros de coração,
porquanto verão a Deus.
- Vinde a mim, todos vós que
estais aflitos e sobrecarregados
e eu vos aliviarei.
Oh, sublimes palavras.
Doce poema
que tange as fibras mais sutis
do coração
trazendo, ao íntimo, uma nova
esperança,
Terna consolação!
Oh, suave encanto!
A presença, as palavras de Jesus
e o seu espírito
está prenhe de amor
e de luz.
Madalena está banhada
em lágrimas.
Agora, ela sabe o que lhe faltava.
Em segundos revisa a sua vida:
Luxo, prazeres, deleites,
orgias...

Falsos afetos , falsa alegria.
Desfaria de tudo e tudo faria
para seguir esse doce Rabi,
esse mestre de olhar sereno.
Sim. Estava decidida.
Seria discípula dedicada
do sublime Nazareno.
A multidão já se dispersa,
a tarde cede lugar à penumbra da
noite
a Natureza está à meia luz
e Madalena se vê
diante de Jesus.
Emoção mais forte
nunca sentira!
AMOR como aquele,
jamais experimentara.
E convite igual
Ninguém lhe fizera
como aquele que lia
no Divino Olhar:
-Filha, retoma o caminho.
É preciso trabalhar.
A partir daquele momento
A flor de Magdala
se fecha para o Mundo
e desabrocha
para a Vida
qual estrela no firmamento.
Madalena é o registro vivo
da transformação Maior:
Do prazer efêmero
Que se escoia pela
Sucessão das horas,
ela é agora o
MARCO BRILHANTE

do AMOR PERPÉTUO
que o tempo não apaga.
Bebe cada palavra,
absorve cada gesto ,
inebria sua alma
na alma radiosa
do Messias.
Mas aqueles que
O rodeiam não acreditam
nessa retificação.
E ela sofre a indiferença,
muitas vezes,
a rejeição e nesses momentos
as lágrimas descem-lhe
pelas faces, como
silenciosas testemunhas
do dorido coração.
O Mestre vendo-lhe
a alma em agonia
e sabendo próxima
a sua partida,
adverte:
-Filha, tem bom ânimo!
Há momentos em que
as provas são
tão duras que o alívio
só o encontramos na companhia
dos filhos da Dor.
Tem bom ânimo Madalena
e cuida de dar
o testemunho do Amor.
Ah! o Espírito se lhe alivia
Com tão doce exortação!
E ela sorri o sorriso
da libertação.
Meses mais tarde

na agonia da cruz,
Madalena sofre
a sua dor
junto à dor de Jesus.
Chora diante do túmulo
Vazio: Oh, quanto amargor!
E agora, o que será da sua vida?
E para alguém que se aproxima,
Indaga:
- Onde o colocaste?
- Onde?! Por favor!
- Madalena!!!
- Senhor!
Que alegria celestial
sua alma saboreia.
Então Ele vive! Ele vive!
Seu coração se incendeia!
Quer tocá-lo.
Mas ele diz: ainda
não subi ao Pai.
Mas vai e anuncia.
Madalena é o arauto da
Ressurreição!
E corre a anunciar:
Ele ressurgiu
dos mortos!
Mas depois que Ele
ascende aos céus.
Somente a saudade
é -lhe fiel companheira.
Relembra a figura amada
na emoção do primeiro
encontro:
- Filha, é preciso trabalhar. Ele
recomendou.
E mais tarde

quando dizia:
- O alívio só na
Companhia dos filhos da agonia.
E, assim, de alma
refeita
ela desceu ao vale
do desespero e da
dor, onde a
lepra era o estigma do horror
para dar o Testemunho
do seu amor.
Enxugava lágrimas,
pensava feridas,
limpava, consolava.
Aqueles almas tangidas
pelo sofrimento
com a sua tocante
mensagem de desprendimento.
Muitas vezes relatava
fatos vividos junto a
Jesus e, naqueles
Instantes, cada semblante
serenava ,se tocava
de luz!
Assim ela viveu
cada dia, cada hora
no prazer da verdadeira
alegria de servir
junto aos filhos da dor.

*Neiva Gonçalves,
Barreiras (BA), em 13/01/1988.*

Como ele recomendara
no testemunho do Amor.
Até que um dia Madalena
viu-se acometida
da mesma enfermidade.
Mas à medida que
o seu corpo ulcerava
sua alma se libertava.
Nos momentos finais
nos braços de uma
irmã de estrada
Madalena revê cada
Segundo de sua
Jornada.
Os olhos se lhe fecham!
Sente-se tão cansada...
Mas liberta no SER
vive agora um diferente
Alvorecer:
Ela ganha novo Espaço
e desperta noutros braços
e ouve, outra vez,
aquela voz inconfundível
num transporte de
sublime Amor.
- Madalena!
- Senhor!
- Senhor!!!

CAPÍTULO 9

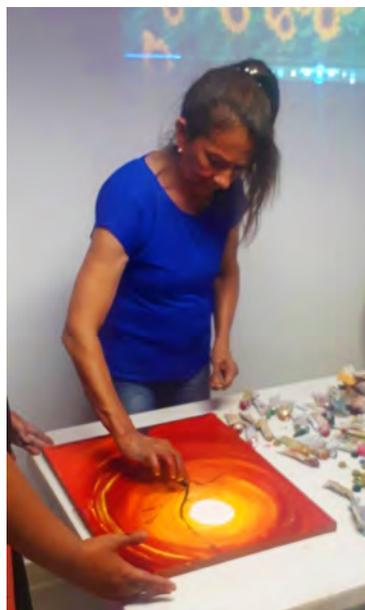
Comentando alguns trabalhos

Os comentários a seguir são mensagens psicografadas dos espíritos Antônio Francisco Lisboa, mentor do Grupo Arte Cura, e de Vincent, nos dias 3 e 17 de setembro de 2020. Nelas, Lisboa e Vincent explicam a relação que há entre o uso de determinadas formas, sejam elas figurativas ou abstratas, cores e tonalidades para as finalidades dos tratamentos físico-espirituais.

Serão apresentadas a seguir diversas pinturas. Há algumas que foram especialmente elaboradas pelos mentores espirituais da Arte Cura para este livro, e que estão acompanhadas de seus comentários elucidativos. Há outras que foram realizadas no trabalho mediúnico nas noites de quintas-feiras e nos eventos, além de diversas pinturas de gaze, desse período de pandemia.



A autora em trabalho mediúnico durante um evento de arte no Centro Espírita Sebastião “O Mártir”.



VASOS COM FLORES

“Os vasos com flores, nas mais variadas cores e espécies, significam tratamento para o corpo físico, porém, a terapia começa no perispírito (vestimenta do espírito), no complexo emotivopsicoespiritual, traduzindo bem-estar no organismo físico.”
(Lisboa)





A.

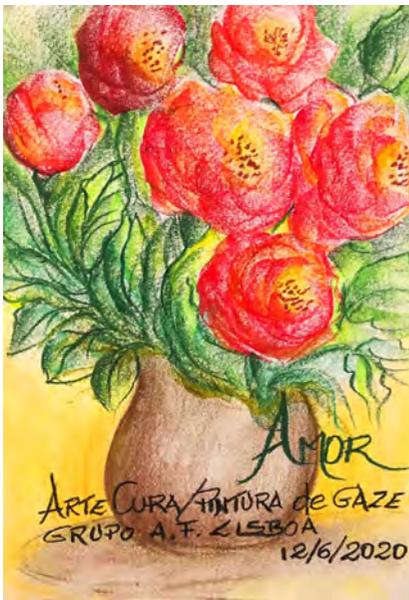
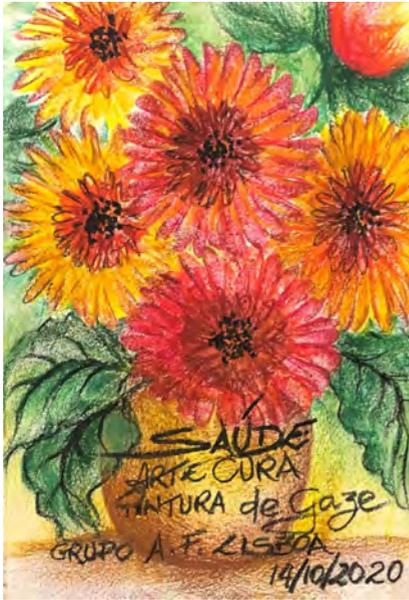


B.

A. “Tratamento do sistema digestório. O vaso é o símbolo do corpo físico, as flores, pelas cores, representam os órgãos tratados e também as substâncias extraídas de flores semelhantes daqui e(ou) daí do plano físico.” (Lisboa)

B. “Tratamento para o restabelecimento das forças. Os laranjas, assim como os amarelos, contêm energias vibrantes que auxiliam na recuperação ou reposição das forças espirituais. Os verdes sempre presentes na recuperação da saúde.” (Lisboa)





FLORES SOLTAS

“Essência extrafísica, espiritual, de folhas e flores, segundo a necessidade de quem as recebe nas variadas cores e mensagens de saúde, paz, amor, fé, confiança, equilíbrio, harmonia, dentre outras.”
(Lisboa)





A



B

A. “Tratamento antialérgico. Azuis mais claros e mais escuros (profundos) excelentes para tratar alergias, desinflamar, cicatrizar. Verdes sempre presentes para adstringir e(ou) desobstruir. A calma é o recurso eficaz em todos os momentos da vida.” (Lisboa)

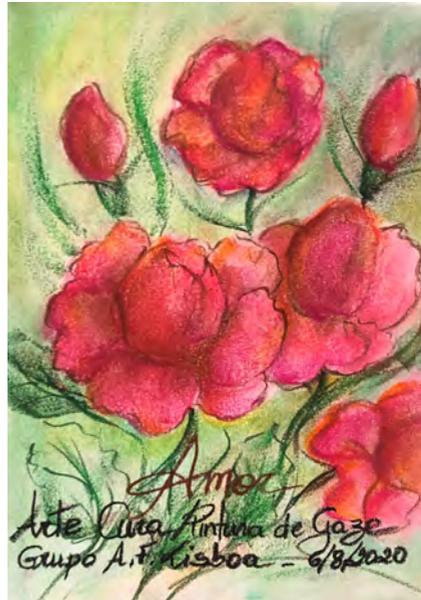
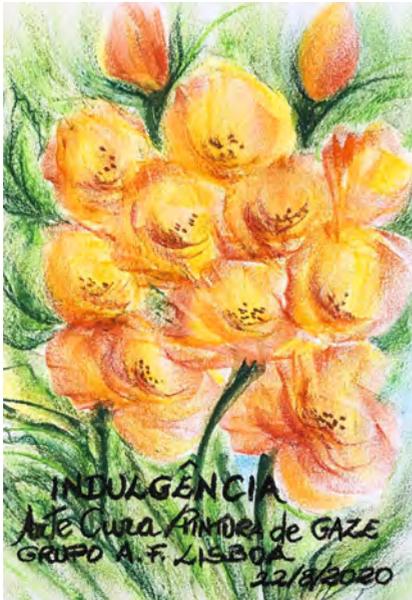
B. “Tratamento para o sistema respiratório. As cores para essa terapia, geralmente, são os lilases, chegando ao roxo, amarelos, verdes e azuis; os pontinhos pretos são recursos de desobstrução. Sempre lembrando que é do perísprito para o físico. Harmonia significa equilíbrio profundo.” (Lisboa)

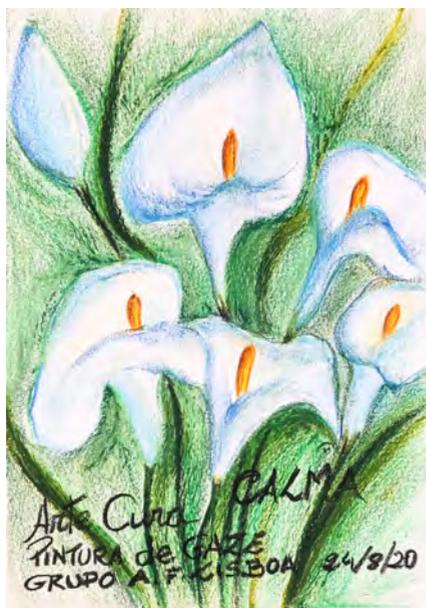
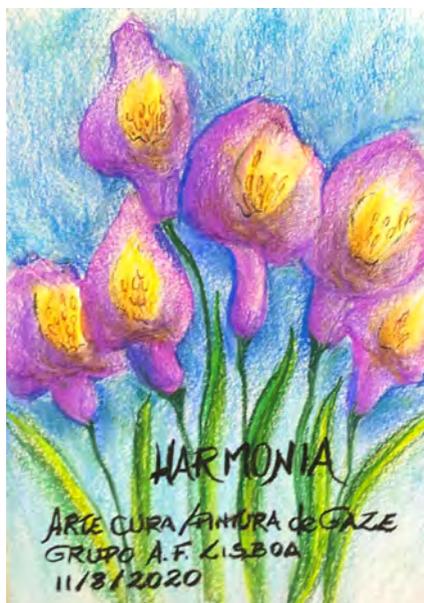
C. “Tratamento cardiológico. Os vermelhos mais claros e escuros são utilizados para os tratamentos do coração. Os verdes são excelentes adstringentes, bem como em outras situações podem ser recursos de desobstrução. Os amarelos harmonizam e elevam o ânimo. Grafites e pretos são extraordinários para limpar, expurgar energias negativas. Todas as cores são maravilhosas.” (Lisboa)



C







PAISAGENS

“As paisagens são retratos da natureza, simbolicamente falando. Indicam tratamento para as paisagens íntimas. Árvores frondosas, em variadas cores, propiciam saúde, bem-estar, união, equilíbrio etc. As árvores com pouca folhagem e(ou) secas traduzem reflexão profunda para a aquisição da fé e da força espiritual, conforme a situação do momento.” (Lisboa)

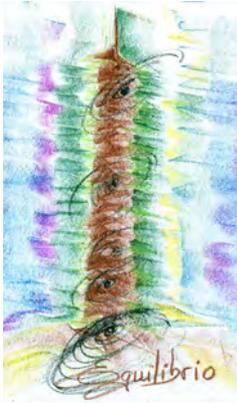






ABSTRATOS

“Alguns artistas têm essa habilidade de retratarem o mundo e as pessoas (sobretudo os órgãos internos) em formas não-figurativas. O atendimento é o mesmo das pinturas figurativas, com mensagens de tratamento, saúde, calma, harmonia, dentre outras.” (Lisboa)



A



B



C

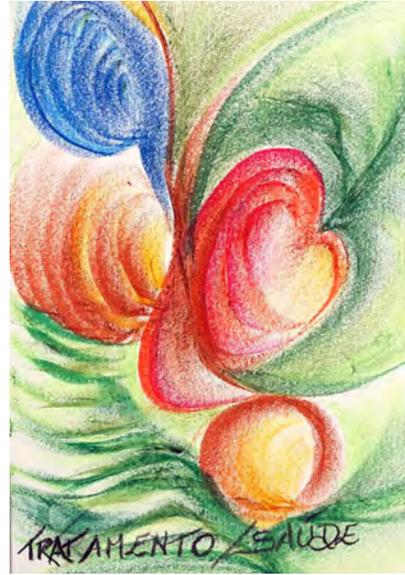
A. “Tratamento da coluna. Marrom – representação da coluna. Os verdes são energias de cura. Os círculos no sentido centrífugo são para desobstrução das vértebras calcificadas. As demais cores são de equilíbrio nas partes tratadas.” (Lisboa)

B. “Tratamento do íliaco. Marrons, dos mais claros aos mais avermelhados, ligados ao sistema digestório e ossos. Verdes, auxiliando na fixação de substâncias necessárias ao tratamento e(ou) de limpeza do local. Azuis, aliviam, acalmam... os azuis mais profundos (escuros), excelentes auxiliares nas cicatrizações. Os amarelos dão um “up” de bom ânimo, energia.” (Lisboa)

C. “Abstrato, representando um tratamento com vistas à saúde renal. Essa terapia é de ordem espiritual, trazendo ao corpo físico, muitas vezes, até a cura. Nesta pintura, veem-se perfeitamente os dois rins, embora sendo abstrata. Noutros tratamentos, com o mesmo objetivo, poderia ser um vaso florido com as cores aí representadas.” (Vincent)



A



B



C



D

- A. “Tratamento da coluna vertebral (perispírito), trazendo equilíbrio ao corpo físico.” (Lisboa)
- B. “Tratamento espiritual do sistema cardiológico com vistas à saúde integral: mente, corpo, espírito.” (Lisboa)
- C. “Tratamento do sistema nervoso central.” (Lisboa)
- D. “Tratamento oftalmológico no perispírito. Bem-estar na visão física.” (Lisboa)
- E. “Abstrato, representando um tratamento para o fígado e a flora intestinal. Vale lembrar que toda pintura mediúnicamente é uma terapia operada no perispírito, para depois a pessoa sentir, ou não, os efeitos no corpo físico.” (Lisboa)
- F. “Tratamento geral no perispírito, produzindo as energias necessárias para o equilíbrio profundo do ser, trazendo ao corpo denso a harmonia adequada para uma melhor qualidade de vida.” (Lisboa)



E



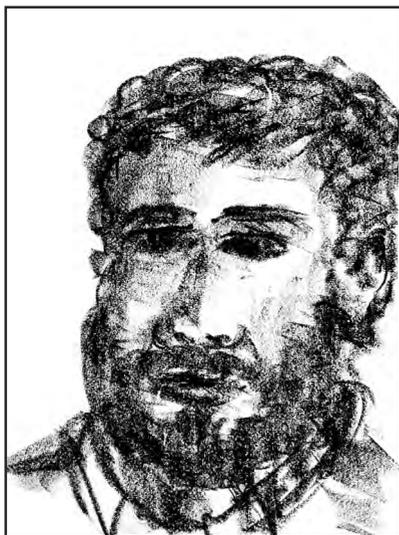
F

ANJOS

“Os anjinhos são símbolos de paz e proteção espiritual, seja na cor que vier. Nós, espíritos espíritas, estejamos na carne ou fora dela, com urgência, necessitamos corrigir, alijar de nós, os preconceitos, oriundos, certamente, do egoísmo, enraizado com garras profundas na intimidade de cada um.” (Lisboa)







O espírito coautor deste livro é profundamente ligado à Arte e teve diversas reencarnações como artista. Uma de suas reencarnações foi no Brasil, entre os anos de 1738 a 1814, como Antônio Francisco Lisboa, que ficou conhecido como Aleijadinho, devido a uma doença que lhe deformou o corpo, principalmente os pés e as mãos, mas que não o impediu de trabalhar. Atualmente, no plano espiritual, continua dedicado às artes e na sua utilização nos processos de tratamento e cura de encarnados e desencarnados, especialmente suicidas. Trabalha como mentor de equipes espirituais de muitos grupos de arte mediúnica e de arte-cura, inclusive o relatado neste livro.

O retrato de Antônio Francisco Lisboa, acima, foi realizado por inspiração mediúnica dele mesmo, em 22.10.2020, pelo médium Evandro R. Perotto.



Neiva Gonçalves Barbosa nasceu em 3 de abril de 1949 no povoado de Boa Vista, na cidade de Barreiras, no oeste baiano. De família católica, desde os 4 anos acompanhava sua avó materna à Igreja de São Sebastião, o Padroeiro daquele povoado. Amava São Sebastião e ali via cenas que ela não entendia (mediunidade). Casou-se aos 16 anos e com 17 já era mãe do primeiro filho. Veio para Brasília em janeiro de 1969 com o seu diploma de Curso Normal. Fez concurso e passou. Entrou na Fundação Educacional. Deu continuidade aos estudos. Pedagogia, Magistério, Artes Plásticas e Cênicas. Conheceu o Espiritismo com O Livro dos Espíritos. Veio para o CESOM em maio de 1979. O Mentor da Casa era o mesmo da igreja da sua infância. São Sebastião, agora Sebastião “O Mártir”. Estava em casa.

Este livro Arte Cura é o relato pessoal da autora sobre sua trajetória de envolvimento e desenvolvimento no trabalho da arte mediúnica, iniciado há mais de 30 anos. Ela nos conta como foi convidada pelo mentor espiritual, Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), ao trabalho abnegado. Mas também nos diz das dúvidas e incertezas iniciais, e das lições aprendidas.

Acompanhando sua narrativa, conhecemos também um pouco da história do Grupo Arte Cura Antônio Francisco Lisboa, sua criação e amadurecimento e como esse trabalho de arte mediúnica se integrou às atividades do Centro Espírita Sebastião “O Mártir”, na cidade do Núcleo Bandeirante (DF).

Aqueles que se interessam por conhecer e estudar sobre a arte mediúnica e sua ação nos processos de tratamento físico e espiritual, encontrarão nestas páginas algumas informações e esclarecimentos que os ajudarão a compreender as peculiaridades que envolvem a arte mediúnica e o trabalho deste grupo.

ISBN 978-65-00-09672-9



9 786500 096729